

Trajetória profissional e educativa da professora militante Luiza de Teodoro Vieira (1960-1995)¹

Vitória Chérída Costa Freire
Secretaria Municipal de Educação (Brasil)
Lia Machado Fiuza Fialho
Universidade Estadual do Ceará (Brasil)

Resumo

O estudo se insere no campo da história da educação de mulheres ao tratar da vida de Luiza de Teodoro Vieira, educadora e militante política com protagonismo na cidade de Fortaleza, Ceará. O objetivo foi biografar a história de vida de Luiza de Teodoro com ênfase na sua atuação educativa (1960-1995). Elaborou-se uma pesquisa do tipo biográfica, amparada teoricamente na História Cultural, que entrecruzou fontes autobiográficas e entrevistas orais. Luiza de Teodoro foi docente dos ensinos primário, secundário e superior, bem como gestora das secretarias de educação municipal e estadual e escritora de livros didáticos para a educação básica. A interpretação hermenêutica da narrativa de vida conclui que sua visibilidade foi majorada por sua militância educacional e política, seja para formação de alunos e professores de maneira crítica e contextualizada, seja contra a ditadura militar, o que resultou em reconhecimento social e homenagens.

Palavras-chave: História da educação. Educação de mulheres. Biografia.

Mulheres educadoras.

Professional and educational career of militant teacher Luiza de Teodoro Vieira (1960-1995)

Abstract

The study falls within the field of the history of women's education by addressing the life of Luiza de Teodoro Vieira, an educator and political activist who played a leading role in the city of Fortaleza, Ceará. The objective was to write a

biography of Luiza de Teodoro's life, with an emphasis on her educational work (1960-1995). A biographical study was conducted, theoretically based on cultural history, which combined autobiographical sources and oral interviews. Luiza de Teodoro was a teacher in primary, secondary, and higher education, as well as an administrator in municipal and state education departments and a writer of textbooks for basic education. The hermeneutic interpretation of the life narrative concludes that her visibility was enhanced by her educational and political activism, whether through the critical and contextualized training of students and teachers or through opposition to the military dictatorship, which resulted in social recognition and honors.

Keywords: History of education. Women's education. Biography. Women educators.

Trajectory professional and educational of the militant teacher Luiza de Teodoro Vieira (1960-1995)

Resumen

2

El estudio se inscribe en el campo de la historia de la educación de las mujeres al tratar la vida de Luiza de Teodoro Vieira, educadora y militante política con protagonismo en la ciudad de Fortaleza, Ceará. El objetivo fue escribir la biografía de la vida de Luiza de Teodoro con énfasis en su actuación educativa (1960-1995). Se elaboró una investigación de tipo biográfico, respaldada teóricamente por la Historia Cultural, que entrelazó fuentes autobiográficas y entrevistas orales. Luiza de Teodoro fue profesora de enseñanza primaria, secundaria y superior, así como gestora de las secretarías de educación municipal y estatal y escritora de libros didácticos para la educación básica. La interpretación hermenéutica de la narrativa de vida concluye que su visibilidad se vio aumentada por su militancia educativa y política, ya fuera para la formación de alumnos y profesores de manera crítica y contextualizada, ya fuera contra la dictadura militar, lo que le valió el reconocimiento social y diversos homenajes.

Palabras clave: Historia de la educación. Educación de las mujeres. Biografía. Mujeres educadoras.

Introdução

A pesquisa biográfica, situada na história da educação de mulheres, debruça-se sobre a vida de Luiza de Teodoro Vieira, nascida em 1931, na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, onde viveu toda a sua vida². Desde seus 15 anos de idade, exerceu atividades voltadas à educação e ao ensino, tendo exercido cargos de professora, orientadora educacional e de gestão a Secretaria de Educação do município de Fortaleza e do estado do Estado. Mulher negra, ela superou desigualdades de gênero e raça e conquistou prestígio social como professora de referência, escritora e docente do curso de História da Universidade Federal do Ceará (UFC), quando se destacou por sua militância política contra a ditadura militar.

A biografada, inclusive, ganhou premiações no estado cearense em reconhecimento a sua atuação profissional. No ano de 2011, recebeu o Troféu Paulo Petrola, dedicado a homenagear pessoas que contribuíram para a educação no município de Fortaleza. Já em 2017, ela foi premiada com a Medalha da Abolição, considerada a principal comenda do Ceará. Contudo, no ano de 2017, aos 84 anos, ela morreu de complicações cardíacas e respiratórias, deixando um legado de contribuições educacionais ainda não registrados e preservados pela história da educação.

Questionou-se como uma mulher negra, que estudou em escolas públicas precarizadas, conseguiu inserir-se como docente universitária reconhecida no estado como importante militante ativista emuladora da ditadura militar? Para desvelar essa inquietação, desenvolveu-se uma pesquisa científica com o objetivo de biografar a história de vida de Luiza de Teodoro com ênfase na sua atuação educativa (1960-1995). O recorte temporal se inicia na década de 1960, quando Luiza passou a ter maior visibilidade pela docência no ensino superior e na Secretaria da Educação no governo estadual de Virgílio Távora, que evidenciaram também a sua relação com a militância política; e se encerra em 1995, ano em que Luiza se aposenta como docente da UFC.

Luiza de Teodoro, mulher de forte representatividade para o cenário educacional e político fortalezense, ainda não teve sua trajetória formativa e profissional registrada para preservação da memória coletiva e melhor conhecer a história da educação do Ceará, dessa maneira, torna-se relevante

mobilizar fontes para elaborar uma versão histórica que permita compreender como essa professora, intelectual e militante, contribuiu para o contexto educacional local e nacional.

Metodologia

Essa pesquisa amparou-se teoricamente nos pressupostos da história cultural, por ela possibilitar a ampliação da noção de fontes, sujeitos e objetos da história (Le Goff, 1990). A partir das discussões protagonizadas pela terceira geração da Escola de Annales, passou-se a considerar como fonte histórica qualquer vestígio dos sujeitos no tempo, abrindo possibilidade para utilizar memórias, narrativas e trajetórias individuais, para a constituição de novas versões e compreensões para a historiografia.

Esse estudo do tipo biográfico hermenêutico (Dosse, 2015), utilizou-se entrevistas autobiográficas concedidas por Luiza de Teodoro, ainda em vida, publicadas no Núcleo de Documentação do Departamento de História da Universidade Estadual do Ceará (NUDOC), no livro *Ser professor no Brasil*, de Selva Guimarães Fonseca (1997), e na *Revista Entrevista* pelo José Ronaldo Aguiar Salgado (1993). E para a realização de entrevistas, foi utilizado como instrumento de coleta de dados o recurso da entrevista livre em História Oral (Meihy; Holanda, 2007), com amigas e ex-alunos citados no Quadro 1, que conviveram com Luiza de Teodoro e puderam contribuir com a discussão de aspectos relevantes acerca de sua trajetória e atuação docente.

Quadro 1 – Lista das entrevistas coletadas

Entrevistas coletadas			
Entrevistado(a)	Relação com a biografada	Data e local da entrevista	Duração da entrevista
Guaraciara Barros Leal	Amiga	20 de agosto de 2018, Fortaleza-CE	48min
Antonio Otaviano Silva Júnior	Ex-aluno	14 de outubro de 2022, entrevista on-line	1h
Maria Socorro Braga de Sousa	Ex-aluna	16 de novembro de 2021, Fortaleza-CE	52min
Maria Helena Silva	Amiga	17 de janeiro de 2022, entrevista on-line	1h30min

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

As fontes sobre Luiza de Teodoro foram analisadas a luz da perspectiva biográfica hermenêutica, que, consoante Dosse (2015), busca compreender os múltiplos sentidos da vida de um indivíduo, não apenas descrevendo as fontes ou relatando informações objetivas, mas desenvolvendo uma narrativa interpretativa contextualizada da experiência vivida da biografia considerando seu contexto sócio-histórico. Tal modo, à medida que a história de vida foi sendo narrada, realizou-se sua interpretação hermenêutica na interlocução com as complexidades e os significados dos aspectos contextuais em que Luiza de Teodoro estava inserida.

A pesquisa foi aprovada pelo Conselho Nacional de Ética em Pesquisa com parecer nº 2.5885.705/2018, integrando o projeto sobre “Educação e educadores(as) no Ceará do século XX: práticas, leituras e representações”. As entrevistas realizadas com os colaboradores tiveram suas autorizações prévias registradas com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em seguida, foram gravadas transcritas e validadas pelos entrevistados.

As escolhas metodológicas adotadas nessa pesquisa possibilitaram reflexões acerca do papel feminino da professora Luiza de Teodoro na sociedade fortalezense, demonstrando que os estudos biográficos são relevantes para valorizar as relações existentes entre os indivíduos e o tecido social que se inter cruzam dialogicamente (Nogueira; Cunha; Fialho; 2023).

5

Formação e atuação de Luiza de Teodoro

A mãe de Luiza de Teodoro, Diva do Nascimento Vieira, era professora primária e o pai, Teodoro Nunes Vieira, jornalista, “[...] era um homem que ele se dizia livre pensador” (Projeto Memorial da Educação Cearense, 2002, s/p). Para Luiza de Teodoro, o repertório sociocultural no qual teve acesso, pelo incentivo da mãe e do pai, lhe possibilitou apreensão de conhecimentos mediante o acesso a livros, músicas, teatros e demais produções culturais. Inclusive, ela aprendeu a ler e a escrever na sua própria residência, ingressando no ensino formal já alfabetizada.

Luiza de Teodoro percorreu sua trajetória educacional em instituições públicas da cidade de Fortaleza, capital do Ceará. A primeira instituição foi

o Grupo Escolar José de Alencar, que ofertava o nível primário. Os grupos escolares surgiram no contexto republicano brasileiro com o objetivo de organização graduada, ou seja, presumia um edifício com várias salas de aula e professores, “[...] atribuindo a cada professor uma classe de alunos e adotando a correspondência entre classe, série e sala de aula” (Souza, 2008, p. 41).

A fim de substituir o modelo das escolas reunidas e isoladas que prevaleceu durante o período imperial, o governo cearense, na tentativa de reorganização do ensino primário, iniciou a implantação de grupos escolares na cidade de Fortaleza. Com o objetivo de ampliar as funções administrativas da instituição e de padronizar o ensino, os grupos escolares representaram renovação pedagógica e modernização da sociedade republicana.

Da perspectiva pedagógica, ele [o grupo escolar] implicou uma ordenação mais sistemática e regulada do currículo com a distribuição dos conteúdos por séries, exigiu mecanismos mais rígidos de avaliação dos alunos para a classificação em classes e dispositivos minuciosos de controle do tempo (calendário letivo e jornada escolar) (Souza, 2008, p. 42).

6

Ademais, os grupos escolares pretendiam alcançar um ensino laico e gratuito, mediante um currículo homogêneo e a aplicação do método intuitivo ou lição de coisas. O ensino primário designado para a educação de Luiza Teodoro, assim como das camadas populares, era pautado em projeto republicano nacionalista, científico, moral e higienizador.

Luiza de Teodoro mencionou em entrevista sobre o distanciamento que existia entre alunos e professores, elucidando como o ensino dessa época baseava-se na autoridade docente e na hierarquia de saberes: “Não me lembro nunca de nenhum professor ter se interessado para saber se a gente estava ou não estava aprendendo [...]”. Assim, considerou que a facilidade em compreender assuntos e tirar boas notas deu-se pela formação que recebeu em seu contexto familiar: “[...] sempre passei nos primeiros lugares, não era difícil para mim, porque tinha todo esse respaldo de casa” (Projeto Memorial da Educação Cearense, 2002, p. 4).

Após concluir o primário em 1944, Luiza de Teodoro iniciou os estudos de nível secundário na Escola Normal Justiniano de Serpa. Essa era uma

Escola Normal do Ceará que iniciou o funcionamento de suas atividades em 1884 (embora o projeto de fundação fosse de 1937). Como afirma Araújo (2014, p. 49), com a inauguração da Escola Normal “[...] dava-se início ao funcionamento de uma instituição que formaria professoras primárias oportunizando melhoria na educação, por conseguinte, desenvolvimento para o estado do Ceará e uma profissão para as mulheres”. Ressaltamos que, no período contextualizado, concluir o Curso Normal e ingressar no magistério significava alcançar prestígio e reconhecimento social.

Depois eu fiz o Curso Normal, e aí eu acho que a escolha de ser professora era quase que inevitável. Nessa época não havia muitas carreiras para mulheres. E a minha mãe [...] tinha deixado de ter sala de aula, mas ela curtia muito essa história de ser professora. E, desde que eu me entendo, uma das minhas brincadeiras era coisa de ser professora de bonecas, brincar de escola (Salgado, 1994, p. 27).

A Escola Normal se constituiu como um espaço privilegiado para a formação feminina, marcou transformação relevante no cenário educacional cearense com a formação de professores (Lopes; Torres; Menezes, 2020). O magistério, considerado como espaço prolongado aos dons maternos, tornou-se profissão legítima da mulher e aceita pela sociedade. Luiza de Teodoro foi motivada pelo seu contexto, tanto sócio-histórico como familiar, a escolher a docência como sua profissão, como ela ressaltou: “No meu caso, era um pouco inevitável, porque todas as mulheres que estudavam iam ser professoras, e o Curso Normal era para mulheres [...]” (Fonseca, 1997, p. 126).

A atuação docente de Luiza de Teodoro foi iniciada após a conclusão do Curso Normal, em 1948. Primeiramente Luiza atuou numa escola isolada, até conseguir vaga para a sua nomeação nos grupos escolares e, em seguida, ensinou em escolas privadas no mesmo município, Fortaleza.

Quando terminei a Escola Normal eu ainda não tinha feito 18 anos. Então, como eu não podia ser nomeada professora, eu trabalhei (autônoma)[...]. Minha mãe alugou uma sala e eu dei aulas para crianças de bairro. [...]. Só me lembro que gostava muito, que as crianças levavam muitas flores para sala de aula, que a gente fazia brincadeiras e tal. Quando eu completei 18 anos, fui nomeada professora-substituta. Comecei a ensinar numa

escola que ficava perto da minha casa, funcionou numa coisa que até hoje existe: Associação dos Merceeiros³. Lá eu passei algum tempo, uns dois anos, e fui para o grupo escolar Visconde do Rio Branco, onde passei trinta anos ensinando no que hoje se chama Primeiro Grau (Salgado, 1994, p. 28).

Coexistiam no cenário educativo fortalezense de nível primário as escolas de primeiras letras, nos locais improvisados por mestres do ensino, escolas isoladas e grupos escolares, cada uma delas com características próprias, isso porque, não só no panorama local, mas também no nacional, o processo de organização do sistema de ensino demorou a acontecer (Saviani, 2011). As reformas e os planos de ensino que surgiram ao longo do período republicano, juntamente com as ideias de cunho renovador, foram morosamente contribuindo com novas características para o cenário educativo.

O Grupo Escolar Visconde do Rio Branco foi criado em 1918 e inaugurado em 1924, com sede no Centro da cidade de Fortaleza com a oferta de ensino primário. Nessa instituição, Luiza Teodoro ensinou a disciplina de História, sua atuação como professora apresentava uma prática interdisciplinar, relacionando os conteúdos que apresentava aos discente com poemas, músicas e artes em geral:

Quando eu lecionava no Grupo Escolar Visconde do Rio Branco, por exemplo, os meninos todos diziam isso: 'Luiza, na tua aula a gente fica mais inteligente!'. Quer dizer, na verdade, discutia, conversava e eles passavam a se descobrir e acabavam produzindo poemas e peças de teatro. Nós cantávamos muito! E aprendiam história. Eu quis ensinar a estudar, sobretudo, a gostar de estudar, a gostar de viver e a gostar de história. Todos os meus alunos sempre me diziam que passaram a gostar muito de história (Fonseca, 1997, p. 128).

A formação de Luiza de Teodoro em nível de graduação aconteceu dois anos depois que estava trabalhando como professora primária: "Fui fazer História, porque, aqui em Fortaleza, na época em que fiz vestibular, só tinha cursos de Pedagogia, Matemática, Ciências exatas. Eu tinha muita vontade de fazer História Natural, mas isso não existia aqui, estavam muito no começo" (Fonseca, 1997, p. 126). Ingressou no curso de História e Geografia, o que mais se aproximava de História Natural, na Faculdade Católica de

Filosofia dos Irmãos Maristas, que depois passou a ser Universidade Estadual do Ceará (UECE). “O curso era História e Geografia, mas não me lembro nada de Geografia. Aí comecei a me encantar por história” (Fonseca, 1997, p. 126).

Luiza de Teodoro relacionou a sua formação política à atuação nos grupos católicos que frequentou antes mesmo de ingressar na faculdade, espaço que também despertou o seu interesse pela militância:

Mas acho que minha história, minha formação profissional, não tem nada a ver com a faculdade, não. Minha formação profissional foi na Ação Católica. Entrei na JEC [Juventude Estudantil Católica] e depois na JUC [Juventude Universitária Católica]. Foi aí realmente que despertei para o senso da história. Nós estávamos construindo este país, nós acreditávamos nisso (Fonseca, 1997, p. 127).

Luiza de Teodoro evidenciou que sua formação política teve início mais precisamente na sua inserção na Ação Católica (AC) e na Ação Popular (AP). No início da década de 1960, era comum jovens militantes de movimentos católicos e estudantis encontrem espaço de atuação no Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1961. A parceria entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica (através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB) objetivava investir financeiramente no setor educacional para que os grupos mais desfavorecidos economicamente recebessem “instrução” a fim de serem submetidos ao ideal cristão e ao controle político da classe dominante.

Porém, de acordo com Duarte (2010) o objetivo formativo desse programa ultrapassava os limites pedagógicos da alfabetização, pois havia uma necessidade de formação humana e a emancipação das comunidades, já que, para a Igreja Católica, “[...] colocava-se nesse momento o problema das reformas de base, buscando entender de modo específico as causas estruturais do subdesenvolvimento e, a partir daí, formular propostas de superação do analfabetismo e valorizar a consciência histórica das populações oprimidas” (Moura; Vasconcelos, 2019, p. 109).

Atuando no MEB, através de aulas radiofônicas, Luiza de Teodoro contribuiu com a propagação do método de alfabetização de Paulo Freire,

desenvolvendo “[...] uma militância política, que não foi interrompida, mas mudada na época da ditadura” (Fonseca, 1997, p. 127-128). Com o advento da ditadura, Luiza de Teodoro, juntamente com outros educadores da cidade de Fortaleza, que atuavam em movimentos estudantis e católicos, sofreram repressão e perseguição, o que resultou na morte e na prisão de muitos membros.

Luiza de Teodoro conciliou o trabalho docente com sua formação de nível superior e a atuação em movimentos sociais. A atividade docente desta educadora perpassou também pelo ensino em colégios privados: Colégio Christus, Colégio Capistrano de Abreu e Colégio Agapito dos Santos, todos de ensino secundário.

Destaca-se sua atuação profissional no Agapito dos Santos, escola secundária dirigida por seu amigo Lauro de Oliveira Lima⁴: “[...] escola que era então de vanguarda [...]. Aí realmente foi a consolidação científica do processo de bem educar. A gente estudou Piaget e tudo mais, que era vanguarda do Brasil em matéria de pedagogia” (Projeto Memorial da Educação Cearense, 2002, p. 8). Em entrevista, a educadora Nildes Alencar Lima explicou que o referido colégio adotava projeto pedagógico congruente aos pilares do escolanovismo⁵ em Fortaleza:

Eu vivi um pouco a Escola Novista, a Escola Nova. Aqui em Fortaleza, foi o Filgueiras Lima um dos iniciadores da Escola Nova, que era a escola que saía daquele ensino tradicional, ABC [...]. E já considerava, ainda não muito, a criança como sujeito do seu aprendizado. O Colégio Lourenço Filho, com o Filgueiras Lima (1909- 1965, importante poeta e educador cearense), um grande educador [enfática], e depois o Agapito dos Santos, com o professor Lauro de Oliveira Lima, (pedagogo cearense, que criou o método psicogenético de ensino, no qual o professor assume a postura de orientador, ajudando o aluno a aprender), professor Edgar, professora Luiza Teodoro, professora Eneida Campos. Eu não posso nem citar assim muitos nomes porque eu posso esquecer muitos deles, mas era uma equipe (Lima, 2009, p. 80).

A educadora foi fortemente influenciada pelas inovações trazidas pelo escolanovismo no contexto fortalezense através do trabalho de Filgueiras Lima e de Lauro de Oliveira Lima. Especificamente sobre o Lauro de Oliveira e

sua equipe, Lima (2009, p. 80) comentou em entrevista que foi possível identificar muitas características renovadoras que se buscou implementar: “[...] eram trabalhos em grupo, trabalhos de equipe, trabalhos organizados, que o aluno discutia, que o aluno debatia, que o aluno tinha vez na escola... Era o Agapito dos Santos”.

Ressalta-se a relevância da amizade entre Luiza de Teodoro e Lauro de Oliveira Lima, que também possibilitou trabalharem juntos na Secretaria da Educação. Esse educador foi considerado como um grande impulsionador de ideias renovadas para a educação cearense, não só pela atuação no Agapito dos Santos, mas como inspetor federal de ensino e diretor do ensino secundário do Ministério da Educação e Cultura (MEC) no Ceará, levando consigo sua equipe e oportunizando a biografada atuar na gestão pública.

Lauro de Oliveira iniciou experiências pedagógicas com dinâmicas de grupo, além do desenvolvimento do método psicogenético de Jean Piaget. Para Luiza de Teodoro, foi através dele que ela e o Ceará teve acesso à teoria de Piaget: “O Lauro sempre foi muito à frente do tempo dele. Ele lia revistas e livros franceses, sempre foi um leitor voraz e inteligente. Então, na verdade, para todos nós aqui no Ceará, o Piaget chegou pelo Lauro” (Projeto Memorial da Educação Cearense, 2002, p. 24).

Lauro de Oliveira e Luiza de Teodoro também militavam nos mesmos movimentos sociais, fortalecendo uma troca de experiências formativas que resultaram em ações essencialmente voltadas para a formação de professores, para além dos muros da educação formal.

A universidade, para mim, foi um ritual necessário. Eu precisava de um papel para continuar minha carreira, nunca prestei muita atenção na universidade. A minha formação pedagógica está também ligada ao grande curso universitário, que foi um grupo que se formou aqui no Ceará, na década de 1960, orientado pelo professor Lauro de Oliveira Lima, a primeira pessoa que começou a tornar pedagógico o Piaget. Nós tivemos uma experiência em grande profundidade e em grande abertura. Fazíamos missões pedagógicas, passávamos pelo interior ensinando os professores da rede pública e também os professores leigos que precisavam se escolarizar. Nesse período, o professor Lauro era diretor da Delegacia local do MEC. Esta foi a nossa grande Escola de Pedagogia, um Curso Universitário de Pedagogia, porque

estudávamos muito, discutíamos muito, trabalhávamos muito. [...] Esse foi um trabalho fundamental para minha formação pedagógica. Aprendi uma série de coisas que procurei pôr em prática (Fonseca, 1997, p. 129).

Através das jornadas pedagógicas e da aplicação de cursos para professores, promovidas pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades)⁶ em cidades do interior do Ceará e demais estados do Brasil, Luiza de Teodoro contribuiu com a formação profissional de inúmeros professores para o ensino secundário cearense. Este seguia o modelo pedagógico, dividido entre ginasial, colegial e normal, determinado para todo o país seguindo as determinações do MEC, ainda que sem desconsiderar as condições e peculiaridades da região. Em geral, era desenvolvido sob os problemas de baixos salários de docentes e insuficiente supervisão do ensino e das instituições. De acordo com Sousa (1961), em seu balanço sobre o ensino secundário no Ceará, esse nível só se manteve devido à destinação de recursos da União.

12 Os resultados dos cursos intensivos da Cades, alcançaram-se índices satisfatórios no âmbito da formação docente, com isso o protagonismo do grupo de professores e de intelectuais liderados por Lauro de Oliveira Lima tornaram-se referência em Fortaleza, pela renovação de suas ideias, pelo engajamento político e pela formulação de políticas públicas para o estado. Eles acreditavam ser possível intuir uma prática docente voltada não só para o ensino humanístico, mas para a sistematização do conhecimento conforme a realidade social dos alunos.

Após longo período atuando como professora e formadora no nível primário e secundário, Luiza de Teodoro recebeu convite do governador cearense Virgílio Távora para integrar a pasta da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc-CE). Esse convite foi anterior ao cenário da ditadura militar, quando o seu trabalho pedagógico nas aulas radiofônicas do MEB, sua aproximação com Paulo Freire e sua atuação renovada no Colégio Agapito dos Santos ganharam visibilidade.

Luiza de Teodoro foi escolhida pelo governador para compor um grupo de profissionais responsáveis pela criação de um currículo experimental para o nível primário, direcionado à “professôra”, com foco no

desenvolvimento das seguintes áreas: Linguagem, Aritmética, Estudos Sociais, Ciências Naturais, Educação Artística e Religião. Ela participou da elaboração d'O livro da professora, que sugeria orientações de cunho teórico para capacitar o ensino em sala de aula e conduzir as experiências docentes de acordo com a proposta do currículo experimental, propondo-se a ampliar a fundamentação teórica no ensino primário, além de trazer seções acerca dos direitos e deveres da professora. Luiza de Teodoro narrou em entrevista que, com o golpe midiático-civil-militar, o projeto d'O livro da professora foi encerrado e as perseguições a ela e aos outros integrantes do grupo iniciaram:

Só que veio o 1º de abril [de 1964], então, o que foi que o Virgílio fez? Ele nos chamou e disse: 'Olha, a pressão é para que os demita'. Todos nós éramos funcionários do estado, éramos professores. Nessa época, eu continuava professora do estado. Ele disse: 'Eu não faço isso, eu dissolvo a assessoria, simplesmente'. Porque, além de ser um grande estadista, ele era um grande ser humano, um grande amigo também. Dissolveu a assessoria e o livro já estava publicado. Aí começou a perseguição (Projeto Memorial da Educação Cearense, 2002, p. 12).

O período da ditadura civil-militar no Ceará foi marcado pela era dos coronéis que representavam a elite local, estando este estado subordinado ao poder federal, ou seja, expressava as demandas do autoritarismo nacional (Vieira, 2002). Para Melo, o projeto e o livro da professora:

[...] era uma proposta pedagógica elaborada num clima de indecisões e conflitos entre os avanços do nacionalismo popular e o nacionalismo conservador que se expressavam no governo local na pessoa de Virgílio Távora e suas ambigüidades e adaptações (Melo 2006, p. 38).

O conteúdo expresso no projeto d'O livro da professora apresentava um viés popular o qual o regime buscava combater, assim "[...] esse projeto educacional, abortado pelo golpe de 1964 e substituído por diversos mecanismos institucionais do Estado autoritário, era extremamente inovador diante da marcante influência de Jean Piaget e Paulo Freire" (Melo, 2006, p. 26-27). O grupo de professores e de profissionais da educação engajados no projeto d'O livro da professora se utilizou do espaço de formulações e lutou para dar

prosseguimento ao projeto educativo, confrontando o mesmo Estado que o combatia.

Após alguns anos de atuação como assessora técnica na Seduc-CE, Luiza de Teodoro e o seu grupo foi afastado, assim como o currículo experimental elaborado por eles foi encerrado, devido às fortes perseguições do período político ditatorial. Como o período autocrático teve apoio da mídia e da sociedade civil (empresários, jornalistas e Igreja Católica), além dos militares, a força imposta para que as propostas didáticas dos representantes considerados comunistas em Fortaleza fossem silenciadas alcançaram grandes proporções, atingindo Luiza de Teodoro e seus colegas de trabalho.

A fontes autobiográficas ressaltam que o governador Virgílio Távora impediu a prisão de Luiza de Teodoro e a manteve sob sua proteção:

Ele me mandou para fora do Estado, porque havia ordem de prisão contra mim, ordem de prisão, essa que ele chegou a rasgar; eu depois soube disso. Então, ele me chamou e disse: 'É melhor você sair do Ceará por uns tempos'. Mas eu saí com meu salário de professora, que ele nunca deixou de pagar, e passei quase um ano fora, no Rio de Janeiro (Projeto Memorial da Educação Cearense, 2002, p. 12-13).

14

A biografada retornou a sua atividade como professora no nível primário na escola Visconde do Rio Branco, onde tinha sua vaga como concursada, após a ditadura e afirmou o seguinte: "Eu devo o fato de não ter perdido meu ganha-pão à grandeza do governador Virgílio Távora. Ele não cedeu às pressões, que queriam que a gente fosse simplesmente demitido do estado" (Salgado, 1993, p. 28).

Em 1970 ela também foi convidada para desenvolver materiais junto à prefeitura de Fortaleza, quando sua ex-aluna e amiga Guaraciara Leal a convidou para desenvolver alguns projetos. Luiza de Teodoro trabalhou na escrita dos textos para a composição do livro e trabalhou diretamente com a formação de professores, como Guaraciara Leal enfatizou: "Trabalhou comigo durante muito tempo na prefeitura de Fortaleza, elaborando esse material, conversando com professor, fazendo formação para o professor; adotamos o trabalho nas escolas" (Leal, 2018). A formação em serviço oferecida fez com que a biografada visitasse muitas escolas e tivesse contato com inúmeros

docentes do estado, ampliando sua rede de contatos, ganhando visibilidade e conquistando admiração dos seus pares.

No segundo mandato do governador Virgílio Távora no Ceará (1979-1982), Luiza de Teodoro recebeu convite para integrar novamente a Seduc-CE e desenvolveu materiais didáticos destinados aos alunos.

[...] já tinha passado a pior parte, mais agressiva [da ditadura militar]. Então, ele novamente me chamou e disse: 'Olha, eu tenho uma dívida com você. Eu peço que você retome o seu trabalho'. Então, eu fui para a Secretaria da Educação como assessora de Produção de Material Didático e lá eu comecei a escrever uma cartilha de alfabetização. Diga-se, em passant, que eu não gosto de cartilhas. Eu aprendi a trabalhar em alfabetização com Paulo Freire, meu amigo Paulo Freire, meu mestre Paulo Freire, e nós nunca simpatizamos com cartilhas. A gente sempre acha que deve partir do próprio educando e tal, mas a realidade cearense é que as pessoas não tinham nada, nem possibilidade de ser treinadas. Então, o que é que me restava? Dar a elas um instrumento qualquer que fosse pelo menos digno (Salgado, 1994, p. 34).

Esse material foi chamado de "Cartilha da Ana e do Zé" e o seu objetivo era fornecer aos alunos da rede pública um instrumento para que conseguissem se alfabetizar através da sua própria realidade, baseando-se nos princípios de Paulo Freire: "Também partir daquilo que é conhecido, porque eu via nas escolas o menino ver um cacho de uva desenhado, ler 'uva-uva' e chamar pitomba, porque o que ele conhece com cacho é pitomba" (Salgado, 1994, p. 34).

Luiza de Teodoro considerava relevante buscar elementos da cultura nordestina, que inclusive era amplamente reconhecida como inferiorizada e ridicularizada em outros estados brasileiros. Assim, concentrou sua motivação na confecção da cartilha: "Eu tenho que fazer alguma coisa que ajude essas professoras que se consideram inferiores por não serem paulistas, ou cariocas, enfim, a tentar resgatar o Ceará [...]". Reforçou a necessidade de formular um material de qualidade valorizando as questões culturais do Ceará: "[...] Que resgatasse o vocabulário, a beleza, a cearensidade do espírito nosso, porque a coisa que mais me dói no nordestino é que todo esse trajeto da nossa história nos transformou em pessoas que nos inferiorizamos" (Salgado, 1994, p. 34).

Consoante a narrativa de uma ex-aluna que trabalhou na Seduc-CE no mesmo período de Luiza de Teodoro, ela encontrou dificuldades para implementar suas ideias: “[...] Eu sei que foi uma briga muito grande da Luiza por essa cartilha” (Sousa, 2021). Primeiro, pelo momento de retomada de atividades na secretaria, em que precisou “conquistar” os técnicos que ali trabalhavam para que entendessem que ela estava trabalhando como professora e não como agitadora (dado o período de anistia). Segundo, porque a biografada reivindicava um material de qualidade, que necessitava de investimento financeiro: “Foi uma briga muito grande [...] mas ela conseguiu fazer do jeito que ela queria, com o material que ela queria, com as fotos que ela queria. Um material muito bonito” (Sousa, 2021).

Eu já travei discussões em Brasília, em São Paulo, em Santa Catarina, em todo lugar. ‘Por que você gastou tanto dinheiro para fazer um livro tão bonito, se o seu estado é tão pobre?’. Eu digo: ‘Exatamente por isso. Porque a minha criança pobre talvez só tenha esse livro na vida. E eu quero que ela tenha o livro mais bonito que ela possa ter. Porque os seus filhos podem ter muitos livros bonitos. Se ela só tiver esse, eu quero que seja o mais bonito possível’ (Salgado, 1994, p. 35).

16

Percebe-se o compromisso político da educadora, ao problematizar a função contraditória da educação como reprodutora das desigualdades, e atuar com mecanismos de superação junto ao estado para combater a alienação a qual os alunos pobres estavam submetidos (Gramsci, 1978). Inclusive, a partir dos conflitos gerados para concretizar a realização da “Cartilha da Ana e do Zé”, Luiza de Teodoro aprendeu a utilizar sua representatividade pública para pressionar políticos e governantes a usarem o dinheiro público com material didático das escolas públicas, desenvolvendo, em seguida, uma crestomatia, “Um certo planeta azul”, publicado em 1987, durante o governo de Tasso Jereissati no Ceará.

Essa obra não pode ser considerada apenas como um livro didático, por ser também literário, com conteúdo de História, criado de acordo com a inspiração da crestomatia grega (coletânea de textos), com o intuito de estimular a leitura dos alunos já alfabetizados:

Depois da cartilha [da Ana e do Zé], como nossas escolas, na maioria, não têm bibliotecas, eu escrevi um livro de leitura, para que não se perca a alfabetização. Porque, se você se alfabetiza e você não tem funcionalidade, não tem uso no país, você perde (Salgado, 1994, p. 34).

A visibilidade de Luiza de Teodoro foi marca na sua trajetória docente, principalmente devido à produção de materiais para a alfabetização e a defesa de uma escola pública de qualidade para as camadas populares. A reconhecida contribuição da biografada como escritora de livros para a alfabetização dos alunos e para a formação de professores está intimamente relacionada à consolidação dos ideais da pedagogia de Paulo Freire, baseada na conscientização da própria construção histórica de cada ser social, que, acessando os processos formativos com criticidade, pode se libertar das opressões (Freire, 2005).

O fato de ela ter me estimulado a pensar criticamente, a ver o outro, a ver a pobreza, a miséria... essa luta dela pela Cartilha da Ana e do Zé. Elaborou um material de qualidade para o aluno de escola pública. Foi muita referência para mim. Eu trabalhava dentro de uma secretaria em que a gente tinha que brigar por alguma coisa para os alunos, porque a prioridade sempre era outra coisa, era comprar computador, era isso e aquilo, e a gente brigava muito para aderir a alguma coisa que chegasse na escola. Não estou dizendo que ela foi a minha única referência, mas ela foi muito importante (Sousa, 2021).

A representação social tecida pelos pares de Luiza de Teodoro, era de que ela realizava uma boa atuação profissional como professora, como lembrou Maria Helena da Silva (2022): “Ela sempre foi professora do estado, [...] eu me inspirei muito nela, porque, mesmo ela tendo muitas oportunidades, muitos cargos, muitas coisas que ela assumiu, ela nunca deixou a sala de aula”. A ex-aluna Silva ressaltou que Luiza de Teodoro colaborou bastante com a formação de professores em Fortaleza, destacando que, no início da década de 1990, elas foram parceiras no desenvolvimento de projetos de formação de professores da prefeitura em convênio com outras instituições.

Ele [prefeito] nos deu a liberdade de criar programas que melhorassem a qualidade do ensino. Então, Luiza nos ajudou muito

nesse período, porque nós queríamos trabalhar junto aos professores, para melhorar a qualidade do professor, sem precisar esperar pelas férias do professor, que fosse um treinamento em serviço. E aí isso demandava muitas outras coisas, por exemplo, a professora tinha que sair naquele dia, alguém tinha que ficar com os alunos, porque não podia botar os alunos pra casa. Então, a gente criou um outro programa que foi muito bom, porque ela nos ajudou também, foi o programa de estágio remunerado da professora primária. Nós convidávamos as alunas do (Colégio) Filgueiras Lima, que era o único colégio do município que tinha o curso normal. As alunas estagiárias a partir da segunda série, elas eram treinadas e o estágio delas era para substituir as professoras no dia do treinamento da professora. Então, foi um programa muito, muito bom, também. E esse programa de qualificação de professores foi junto com o convênio que a prefeitura fez com o Jornal O Povo, com a Universidade Aberta, e O Povo publicava toda segunda-feira esse trabalho da gente, que era um fascículo, em todas as áreas do ensino, do ensino fundamental, pegava o ensino fundamental completo, da 1ª a 8ª série, que agora é 9ª série, né? Mas antes era da 1ª a 8ª. Em cada disciplina nós tínhamos uma equipe que era também assessorada pela Universidade Estadual e Universidade Federal (Silva, 2022).

18

A atuação de Luiza de Teodoro foi destaque na formação de professores no Ceará. A biografada desenvolveu cerca de 18 projetos destinados à formação continuada dos docentes, fato que faz Silva complementar:

E eu contei tudo isso pra mostrar como a Luiza também nos ajudou nesse sentido, nas palestras com os professores, nas aulas, nos nossos planejamentos, na assessoria, ela coordenava a equipe de História da UECE que assessorava o nosso departamento (Silva, 2022).

Luiza de Teodoro ingressou na UECE em 1969 e foi aprovada no concurso público na UFC em 1970 (mas só assumiu o cargo em 1978). Nas duas instituições, foi professora do Departamento de História, inclusive conciliou suas atividades nas duas universidades durante longo período. Ao se aposentar da UECE, ela manteve-se na UFC com forte ligação com o Programa de Extensão da UECE “Universidade sem Fronteiras”, destinado ao público de terceira idade.

Os elementos do repertório de saberes que integraram a identidade profissional da biografada com ênfase nos seus saberes experienciais da profissão docente foram caracterizados pelo ensino através da arte e o fomento de uma articulação entre os saberes curriculares com os saberes socioculturais, éticos, políticos e pedagógicos para educação e formação de alunos e professores. Luiza de Teodoro antecipava uma concepção de ensino global e de aprendizagem significativa que hoje é preocupação da Didática.

[...] ela apostava muito na questão do despertar o aluno para ele se interessar na disciplina, para ele tomar o gosto e assim buscar com a sua própria vontade o interesse pela Arte, o interesse pela História, entendeu? Era tipo assim: [...] a maneira como ela tratava os assuntos era altamente envolvente, porque a gente ia gostando da disciplina, ia gostando dela, se interessando e buscava ler mais, se interessar mais e se aprofundar mais nas coisas que estavam sendo tratadas na disciplina. Além disso, se você conversasse com ela, tivesse algum interesse, alguma coisa ali, porque a biblioteca dela era gigante, ela emprestava livros de literatura para você, de literatura histórica, essas coisas assim. Era muito interessante! Era uma pessoa muito aberta (Silva Júnior, 2022).

A perspectiva de ensino de Luiza de Teodoro, conhecida a partir da oralidade de seus ex-alunos, manifesta uma perspectiva de formação cultural e humanista contextualizada considerando as histórias pessoais. Percebe-se que essa formação mais ampla objetivava a constituição de conhecimentos para a aplicação na realidade social, ou seja, “os saberes adquiridos ao longo de sua trajetória, resultantes da formação profissional, da constituição pessoal, das experiências cotidianas, dos grupos em que participava, no “saber-fazer” e no “saber-ser” docente (Tardif, 2010).

No desenvolvimento de sua identidade como professora, a biografada acompanhou as demandas dos alunos e dos professores, valorizando a história que foi vivida e experienciada por eles. “A Luiza não tinha nenhuma pós-graduação, nem *stricto sensu* nem *lato sensu*. E ela disse: ‘Nunca me interessei em fazer’” (Silva, 2022). Mesmo assim, ela foi uma das professoras que fundaram o Curso de História da UFC e atuaram fortemente nos debates acerca da educação e da formação de professores no âmbito público.

Uma particularidade que eu achava na Luiza é que ela nunca fez mestrado, nem doutorado, nem curso de especialização ela tinha, ela só tinha a graduação, mas era uma pessoa extremamente sábia nos conteúdos, porque, além de viajar muito, ela tinha muita leitura e ela lia tudo (Silva, 2022).

Mesmo sem formação *stricto sensu*, a sociedade cearense reconheceu as contribuições de Luiza de Teodoro empreendidas no contexto educacional do estado, por intermédio de suas práticas profissionais como professora, produtora de material didático e na gestão educacional. Fruto desse reconhecimento, ela foi homenageada ainda em vida com o Troféu Paulo Petrola, em 2011, por sua qualificada atuação no cenário educacional de Fortaleza e foi premiada com a principal comenda cearense, a Medalha da Abolição, em 2017.

Luiza de Teodoro se aposentou como professora do curso de História da UFC em 1995, mas continuou desenvolvendo projetos educacionais. Sua trajetória de contribuições educacionais foi encerrada somente em 2017, aos 84 anos, quando ela faleceu. Todavia, ainda é lembrada por muitos como uma mulher educadora de referência no Ceará por seu protagonismo na formação crítica de inúmeros alunos e professores, com vistas à justiça social e maior empoderamento das classes populares.

20

Considerações finais

A partir de uma pesquisa do tipo biográfica, que entrecruzou fontes autobiográficas e narrativas coletadas pela metodologia da História Oral, objetivou-se biografar Luiza de Teodoro com ênfase na sua formação e atuação educativa (1960-1995). A investigação permitiu desvelar aspectos relevantes acerca da formação educativa da biografada em escolas públicas, bem como sobre sua atuação profissional na docência na educação básica e superior, como gestora nas secretarias de educação municipal e estadual (de Fortaleza e do Ceará), militante política e escritora de livros didáticos.

Mesmo pertencendo a uma família não favorecida economicamente, Luiza de Teodoro teve importante incentivo dos pais para acessar e apreciar, dentro do próprio lar, as artes e as primeiras letras. Foi alfabetizada pelos

genitores aos cinco anos e aprendeu a valorizar uma cultura musical e literata pelo fato de ter mãe professora e pai intelectual livre que valoravam o conhecimento. Numa análise hermenêutica, entende-se que este fato proporcionou a ela um espaço formativo não compatível com a maioria das moças pobres do Ceará, que chegavam à escola sem saber ler ou escrever e não tinham pais letrados para apoiá-las.

A trajetória formativa da biografada como estudante sempre foi tranquila porque ela acompanhava com facilidade e dedicação os conteúdos escolares, inclusive, teve a oportunidade de dedicar-se apenas aos estudos, que se deu exclusivamente em instituições públicas: o ensino primário foi cursado no Grupo Escolar José de Alencar, o ensino secundário e normal na Escola Normal Justiniano de Serpa e o ensino superior na Faculdade Católica de Filosofia dos Irmãos Maristas, que depois passou a integrar a UECE.

A trajetória formativa de Luiza de Teodoro, segundo ela, voltou-se para a docência desde muito cedo, pela influência recebida pela família e pela inserção na Escola Normal Justiniano de Serpa, que estava localizada próximo a sua residência, facilitando seu acesso, além de oferecer ensino de referência para as moças das décadas de 1950 e 1960.

Como professora dos níveis primário e secundário, Luiza de Teodoro atuou na Escola Visconde do Rio Branco, como servidora estadual, mas também desenvolveu trabalhos pedagógicos em instituições privadas: no Colégio Capistrano de Abreu, no Ginásio Agapito dos Santos e no Colégio Christus. As análises interpretativas contextualizadas das experiências formativas vividas pela biografada, considerando seu contexto sócio-histórico, permitem interpretar inferir que elas aproximaram Luiza de Teodoro de algumas figuras públicas influentes (políticos e intelectuais) que favoreceram a sua constituição profissional e a sua projeção como destaque educacional e político no âmbito cearense.

Sua visibilidade como educadora se deu pela atuação: nos cursos de formação da Cades durante a década de 1960, juntamente com Lauro de Oliveira Lima; no MEB, como alfabetizadora, utilizando o Método Paulo Freire, educador de quem foi amiga; e na Assessoria Técnica da Seduc-CE onde desenvolveu materiais didáticos destinados à alfabetização distribuídos em todo o estado cearense com apoio do governador Virgílio Távora.

Para além da objetividade da menção dos espaços de atuação profissional de Luiza de Teodoro, importa destacar que a interpretação hermenêutica de sua atuação demonstra tensões subjetivas impetradas na sua prática docente, seja na educação básica ou no nível superior no curso de História da UFC. Isso porque, ao invés de tentar reproduzir uma educação bancária e acrítica, ela buscava trabalhar o ensino da arte e da cultura geral, a partir da compreensão de que o ensino partia da concepção humanista e integral, não se limitando a processos rígidos de exposição de aulas, metodologias e avaliações tradicionais, mnemônicas e descontextualizadas. Tal modo, mesmo sem cursar pós-graduação, Luiza de Teodoro tornou-se uma figura de visibilidade no cenário educacional cearense como professora e intelectual de referência, que lutava por uma educação crítica a partir da realidade dos alunos, valorizando a cultura cearense e formação para luta por mais justiça social em tempos autocráticos.

Considerada comunista no período ditatorial por suas ideias pedagógicas voltadas para o empoderamento das classes populares, ela teve seus projetos educacionais interrompidos, foi perseguida politicamente e teve que mudar de cidade para não ser presa. Alertada e apoiada com pelo governador Virgílio Távora, conseguiu manter seu vínculo empregatício, ausentar-se a tempo de não ser detida e retornar após o período autocrático às suas funções de docência e gestão, consolidando-se como mulher educadora militante referência no estado do Ceará.

A trajetória profissional de Luiza de Teodoro, como professora intelectual e militante política por uma educação sócio referenciada e integral, fi reconhecida e premiada. Todavia, somente a partir deste artigo, resta registrada academicamente com amparo analítico. Este feito se deve a sua relevante contribuição para a formação de diversos alunos e professores, influenciando ativamente o tecido social, educacional e político de Fortaleza durante a demarcação temporal analisada.

Notas

1. O artigo é parte do Projeto de Pesquisa "Mulheres e educação: entre o prescrito, o escrito e o vivido" financiado por meio do Edital Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 44/2024 – Universal.

2. Importa salientar que esse artigo é fruto de uma tese de doutorado defendida no ano de 2022 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, denominada “Biografia educacional de Luiza Teodoro Vieira”.
3. Associação Meceeiros (vide entrevista com Luiza Teodoro: “Um certo planeta Luiza”). As escolas isoladas ficaram conhecidas pelo termo “escolinha”, com característica de escola provisória, presentes em diversas áreas urbanas e rurais, mas com maior predominância nas zonas de população rarefeita (Souza, 2008).
4. Cearense (1921-2013) que atuou como professor e gestor público. Como inspetor seccional no Estado do Ceará realizou os cursos Cades no Ceará, entre as décadas de 1950 e 1960. Com a ditadura militar de 1964, foi exonerado do cargo de diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, assumido em 1963, sendo perseguido e preso.
5. O Movimento pedagógico da Escola Nova reuniu teorias e pensamentos de educadores de diversos países, com oposição ao modelo tradicional de aulas expositivas e sem o protagonismo dos alunos. Chegou ao Brasil em meio a polarização entre os católicos (que objetivavam a continuidade do domínio na área) e os renovadores (que defendiam uma educação pública e laica).
6. A Cades foi criada em 1953, objetivou a resolução de problemáticas oriundas da expansão do ensino secundário, desde a precariedade das condições de trabalho à formação de professores, com a oferta de cursos de aperfeiçoamento e jornadas pedagógicas aos inspetores, diretores, professores e secretários do ensino secundário de diversos estados brasileiros.

Referências

23

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **A tradicional Escola Normal Cearense chega ao bairro de Fátima**: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960). 2014. 308 f. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. 2. ed. Tradução Gilson Cardozo de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.

DUARTE, Hugo Villaça Duarte. **A Ação Popular e a questão humanista**: das origens cristãs ao marxismo (1963-1973). 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEAL, Guaraciara Barros. **Entrevista**. Fortaleza (Ceará), 20 ago. 2018.

LIMA, Nildes Alencar. Entrevista com Nildes Alencar Lima, 15 jun. 2009. **Revista Entrevista**, Fortaleza, p. 75-89, 2009.

LOPES, Tania Maria Rodrigues; TORRES, Maria Nahir Batista Ferreira; MENEZES, Iany Bessa Silva. História da formação de professores no Ceará: da escola normal aos ambientes virtuais de aprendizagem. **Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 2, n. 3, 2020. DOI: 10.47149/pemo.v2i2.3724.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, Francisco Egberto de. **A cultura cívica na educação cearense (1963-1973)**: na tapeçaria da história, entre o "Livro da Professora" e os festejos à pátria e ao progresso. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

24 MOURA, Maria das Graças Sousa Moreira; VASCONCELOS, Valéria Oliveira de. Vozes de estudantes de escolas radiofônicas: uma experiência de educação popular no Maranhão/MA. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 18, n. 33, p. 105-121, 2019.

NOGUEIRA, Aurinete Alves; CUNHA, Fernanda Ielpo da; FIALHO, Lia Machado Fiuza. Trajetória de Vida e Formação Profissional da Professora Fátima Sampaio da Silva (1972-1994). **Revista Educação & Formação**, v. 8, p. 1-21, 2023. DOI: 10.25053/redufor.v8.e11937.

NÚCLEO de Documentação do Departamento de História da Universidade Estadual do Ceará. **Projeto Memorial da Educação Cearense**. Entrevista com Luiza de Teodoro. Fortaleza: NUDOC-UFC, 11 out. 2002.

SALGADO, José Ronaldo Aguiar. Um certo planeta Luiza. **Revista Entrevista**, Fortaleza, n. 4, p. 1, fev. 1994.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA JÚNIOR, Antonio Otaviano. **Entrevista**. Fortaleza (Ceará), 14 out. 2020.

SILVA, Maria Helena. **Entrevista**. Fortaleza (Ceará), 17 jan. 2022.

SOUSA, Joaquim Moreira de. **Sistema educacional cearense**. Recife: MEC, 1961.

SOUSA, Maria Socorro Braga de. **Entrevista**. Fortaleza (Ceará), 16 nov. 2021.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

VIEIRA, Sofia Lecher. **História da educação no Ceará**: sobre fatos e feitos. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002.

Prof.ª Dr.ª Vitória Chérida Costa Freire
Secretaria Municipal de Educação (Fortaleza – Brasil)
Grupo de Pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO)
Orcid id: <http://orcid.org/0000-0002-8029-5907>
Email: vitoriacherida91@gmail.com

Prof.ª Dr.ª Lia Machado Fiuza Fialho
Universidade Estadual do Ceará (Brasil)
Programa de Pós-graduação em Educação
Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades (PEMO)
Orcid id: <http://orcid.org/0000-0003-0393-9892>
Email: lia_fialho@yahoo.com.br
Pesquisadora produtividade CNPq

25

Aceito em 24 nov. 2025

Recebido em 18 set. 2025



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-Non-Commercial-ShareAlike 4.0 International License.